



Práticas tradicionais e conhecimentos em uma comunidade ribeirinha no Amapá.

José Costa Gemaque: Graduando do Curso de Ciências Sociais/UNIFAP.

José Maria da Silva (Orientador): Prof. Dr. em Antropologia do Curso de Ciências Sociais/UNIFAP.

Apoio PROBIC/UNIFAP



Figura 1: comunidade de Anauerapucu vista a partir da ponte. Fonte: José Costa, 2015

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como inspiração a teoria interpretativa de Geertz, (1978). Adiciona-se a essa teoria as reflexões antropológicas sobre a Amazônia, sobretudo, os estudos sobre as comunidades ribeirinhas na região (FRAXE, 2007; BARRETO FILHO, 2006; CRUZ, 2008). Esses autores tratam o rio e a floresta como espaços de múltiplas relações socioculturais nos aspectos da produção e reprodução do etnoconhecimento, no qual se valorizam ações concretas e simbólicas. Descreve-se a coleta, produção, uso e a comercialização do óleo de pracaxi (*Pentachletra macroloba*) e andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) na comunidade de Anauerapucu, localizada no município de Santana, no estado do Amapá. Portanto, a partir dos estudos sobre populações tradicionais da Amazônia, buscou-se analisar a relação entre sociabilidade e meio ambiente entre populações e a constituição de um conhecimento a partir da relação destas com a

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no período de Agosto de 2014 a Agosto de 2015 na condição de bolsista de iniciação científica – PROBIC/UNIFAP. Utilizei alguns autores que se dedicam ao estudo e reflexões de populações tradicionais na Amazônia, dentre os quais se destacam: Fraxe (2004), Barreto Filho (2006), Cruz (2008) e Silva (2007). Foi empregada a observação participante, o diário de campo, registros fotográficos, gravações, entrevistas e conversas informais com os ribeirinhos. Aprofundei a observação e a análise de três famílias locais que produzem o óleo de pracaxi e

RESULTADO E DISCUSSÃO

O óleo de pracaxi e andiroba são produzidos tradicionalmente por três famílias: Dona Ana (85 anos) com sua filha Dulce; Dona Elinete e; Dona Morena que produz apenas o óleo de andiroba. Esse empreendimento é sazonal nos meses de Março, Abril, Maio e Junho. Neste processo as famílias coletam e produzem usando práticas de conhecimentos tradicionais intergeracional. Tais práticas, ora são similares, ora são distintas. A floresta e o rio são os espaços onde se coletam as sementes, utilizando-se canoas e paneiros.

As sementes são ferverdas em latas de tintas vazias de 18 litros no fogão a lenha. Uma lata produz aproximadamente três litros de óleo. As sementes de pracaxi são ferverdas durante quatro horas. Após ser eliminada a água, são armazenadas em um paneiro empalhado por oito dias, em seguida as sementes são descascadas, partidas, lavadas e enxugadas ao sol e piladas até se transformarem numa massa homogênea que é colocada em um flandre inclinado para que o óleo esorra dentro da vasilha na extremidade. Cada porção de massa libera o óleo que varia de 10 a 15 dias, ela é amassada até quatro vezes diariamente. A semente de andiroba ferve apenas 30 minutos, após o repouso de 30 dias, são partidas e retira as amêndoas das cascas, amassadas, como descrito no pracaxi.

As interlocutoras descreveram o uso dos óleos no tratamento de ferimentos, “baques”, “tosse”, “dor de garganta”, “gripe”, “puxar rasgadura” e “derrame”. Os óleos são vendidos para compradores de Macapá e Santana que vão até o local no período da produção (900 ml de andiroba é vendido entre R\$30,00 e R\$50,00; o pracaxi 900 ml chega a R\$200,00).



Figura 2: Dona Ana e sua filha com a produção do óleo de pracaxi. 05/06/2015 Fonte: José Costa, 2015

CONCLUSÃO

A atividade incorpora uma complexa rede de relações socioambientais. Este conhecimento tradicional empreendido no processo produtivo é operado pelo gênero feminino, como uma estratégia de subsistência com importante impacto no meio ambiente, na saúde e na economia doméstica da comunidade. As meninas adquirem esses conhecimentos pela prática e oralidade incorporados na dinâmica social e conjugados aos elementos “esforço” e “sorte”.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Valter do Carmo. O rio como espaço de referência identitária na Amazônia. In TRINDADE JR, Saint-Clair C; TAVARES, Maria Goretti C. (Orgs.) *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: Ed. UFPA, 2008, p. 49-69.

BARRETO FILHO, H. T. Populações tradicionais: introdução à crítica da ecologia política de uma noção. In: ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (orgs.). *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: FAPESP; Anablume, 2006. p.109-143.

FRAXE, Therezinha J.P. *Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transnacionalidades*. São Paulo: Anablume, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SILVA, José Maria. Povos da “floresta Amazônia”: Uma metáfora de identidade na Amazônia. Trabalho apresentado no GT “povos tradicionais”: Perspectivas Atuais, por ocasião da Reunião Equatorial de antropologia Norte – Nordeste, realizada na Universidade Federal de Sergipe, Aracaju (SE), no período de 08 a 11 de outubro de 2007.